



**ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VISEU,
REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE
ABRIL DE DOIS MIL E CATORZE.**

----- No vinte e cinco de abril de dois mil e catorze, teve lugar na Escola Secundária Emídio Navarro - Solar dos Albuquerque, a Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal, a qual foi presidida pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Comemorativa do XL Aniversário do 25 de Abril a qual foi presidida pelo Senhor José Manuel Henriques Mota de Faria, secretariado pelo Senhor João Fernando Marques Rebelo Cotta, como primeiro secretário e a Senhora Cristina Paula Cunha Pereira Gomes, como segunda secretária. -----

A Sessão teve início às dez horas, tendo-se verificado a falta dos Senhores Deputados: António Luís Gonçalves da Costa Martins (justificada), José Domingos Abreu Coelho (Justificada) e Pedro Filipe dos Santos Alves (justificada) -----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Bom dia a todos. Cumprimentava todos os presentes, um cumprimento especial aos Capitães de Abril, ao Senhor Presidente da Câmara, aos Senhores Membros da Assembleia Municipal, ao Senhor Vice presidente e às Senhoras e Senhores vereadores, ao Senhor Comandante do regimento de Infantaria nº 14, aos Senhores Diretores das Escolas, Autoridades Cívicas e Militares, Ex-Membros do Executivos Camarários e da Assembleia Municipal e Jovens presentes.-----

Caros Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores, gostaríamos de agradecer em primeiro lugar à Direção da Escola Secundária Emídio Navarro por nos ter disponibilizado estas excelentes instalações e por todo o apoio que nos deram. A escolha de uma Escola para a realização desta Sessão Solene, tem também para nós um cariz simbólico. É também o reconhecimento de uma das conquistas de Abril, a democratização do ensino. Como devem compreender, esta é uma Assembleia Municipal Extraordinária, uma Assembleia especial, com um ponto único da Ordem de Trabalhos. Sessão Solene Comemorativa do XL Aniversário do 25 de Abril. Insere-se também num vasto programa comemorativo dos 40 anos da Revolução dos Cravos, que foi um programa desenvolvido pela Assembleia Municipal, pela Câmara Municipal de Viseu, pelo Regimento de Infantaria nº 14 e pelo Núcleo de Viseu da Associação 25 de Abril e que teve a colaboração imprescindível dos Agrupamentos de Escolas, das Escolas Secundárias de Viseu e também da Associação dos Deficientes das Forças Armadas. Para dar uma ideia, nestes três últimos dias, passaram pelo Regimento de Infantaria nº 14 cerca de quatrocentas crianças e estiveram também presentes nas escolas nos colóquios “Conversas de Abril” mais de mil jovens. A Assembleia Municipal Extraordinária com um ponto único da Ordem de Trabalhos, reunirá como é óbvio de um modo diferente do habitual, não cumprindo todos os requisitos regimentais. No entanto, a decisão de convocar esta Sessão, os convites para as intervenções quer do representante dos Capitães de Abril, quer de um Jovem, assim como todo o alinhamento das intervenções, foi um processo consensual entre todos os Grupos Municipais. Assim, irá fazer a intervenção de abertura um Capitão de Abril, seguindo-se um Jovem, foram selecionados três jovens estudantes em cada uma das Escolas Secundárias, depois intervêm os representantes dos Partidos Políticos, o Senhor Presidente da Câmara Municipal e termina o Presidente da Assembleia Municipal. Por isso e de imediato, dava a palavra ao Senhor Tenente General Ferreira do Amaral o então Capitão Amaral.-----

----- **UM – O SENHOR TENENTE GENERAL ANTÓNIO LUÍS FERREIRA AMARAL:** Bom dia a todos.-----



Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal do Concelho de Viseu, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Senhores Deputados Municipais Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia, Digníssimas Entidades Militares e Civis, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

No ato mais formal comemorativo do quadragésimo aniversário da Revolução de 25 de Abril, é para mim uma honra especial poder proferir umas breves palavras nesta Assembleia, que congrega todo o conjunto de ideias e do pensamento dos eleitores do Município. Sinto-me honrado, porque falo representando os cinco capitães naquela data colocados no Regimento de Infantaria nº14, que eram, então, liderados pelo Capitão Diamantino Gertrudes da Silva, mas sobretudo, porque considero o Poder Local como um dos mais indelévels resultados dessa revolução.-----

Na verdade, o século XX fica marcado na História portuguesa por um conjunto de acontecimentos que perduram nas nossas memórias. O fim da monarquia; as convulsões na primeira república e a participação na primeira guerra mundial; quase meio século de ditadura, que nos afastou da Europa, com um emblemático orgulho de ficarmos a salvo da guerra, mas sofrendo na pele as consequências mais nefastas do ostracismo e da indignância; a violência da perda do Império, depois de uma guerra cujas consequências morais e físicas ainda hoje são bem visíveis.-----

Esta última realidade, a guerra, pode ter contribuído para incendiar os espíritos e a Revolução do 25 de Abril, ocorreu num contexto em que a esmagadora maioria da população portuguesa aspirava a uma rotura clara e inequívoca com o poder vigente, que se ia revelando incapaz de passar as fronteiras internas e, mesmo dentro delas, de produzir algo de útil ou de esperançoso.-----

Depois de algumas incipientes tentativas falhadas, cerca de duzentos Oficiais, na sua esmagadora maioria capitães, muitos do mesmo curso de entrada na Academia Militar, e com duas passagens pela guerra em África, deram expressão à vontade popular, que ia sendo abafada em murmúrios, só trocados entre pessoas de extrema confiança.-----

Nenhuma das ocorrências, descritas sumariamente, provocou tantas alterações sociais e mudanças na área do Poder como a Revolução de 25 de Abril de 1974. Que eu me lembre, havia então extensões do Poder Central consubstanciadas nas figuras do Regedor, do Presidente da Junta e do Presidente da Câmara. A Câmara Municipal limitava-se a registar os nascimentos, casamentos e óbitos, a enviar veterinários para vacinar os animais domésticos, a passar licenças do cão e do burro e encarregar funcionários para aferir os pesos e as medidas e para fiscalização de obras, albergando, nas poucas repartições, outros funcionários cuja característica mais visível era o uso de mangas-de-alpaca. Efetivamente, com a Constituição de 1976 emergiu o que, com toda a propriedade, podemos chamar de Poder Local, liberto do braço tentacular e doentio do Poder Central. Sendo vós os representantes mais próximos dos cidadãos eleitores, encontrais nestes a força que vos fornece a legitimidade para a prática de decisões autónomas, de encontro aos desejos e aos interesses das comunidades locais. E restringindo-me ao caso do Concelho de Viseu, é fácil apercebermo-nos do resultado e da importância do exercício desta nova autoridade democrática, que melhorou radicalmente a estética e as condições de vida nas freguesias e na cidade.-----

Julgo que há quarenta anos não havia quem se atrevesse a prever este presente, embora as sociedades e as instituições que as enformam tenham a legítima ambição de atingirem, sem qualquer limitação, o Bem-Comum expresso nos valores supremos da Justiça, da Segurança e do Bem-Estar. Estes valores têm sido, e olhando para trás, conjunturais e passados de geração em geração, parecendo-me inquestionável que os saberes e experiências assim transmitidos estão na base da evolução sustentada de dias de maior prosperidade, da massificação da educação e da conjugação de identidades culturais, assente na diversidade das ideias individuais. As novas gerações, aqui bem representadas, vivem hoje a mais fantástica Revolução Tecnológica, podendo aceder, com um simples

toque num botão, a conhecimentos de todos os ramos da sabedoria, o que sugere uma dispensa do aproveitamento de coisas, que só a experiência da vida real pode proporcionar, com todas as vantagens e os pequenos inconvenientes que lhe são inerentes. Não estando aqui para falar de conflitos de gerações, ou sequer de tensões geracionais, apesar de estarem na ordem do dia, vou referir-me, com brevidade, ao que se passou há quarenta anos no Regimento da nossa cidade. Por mera coincidência, tínhamos sido colocados no RI14, quatro capitães do mesmo curso, a que se juntou depois mais outro, com a particularidade de termos todos terminado comissões de serviço em Moçambique e na Guiné. Aguardávamos aqui nova mobilização, após uma permanência de pouco mais de um ano na Metrópole. Entretanto, foram aprovadas normas que desrespeitavam as regras estatutárias, motivando uma primeira reunião, próximo de Évora, em 9 de Setembro de 1973. Foi a primeira, e única, em que o motivo foi simplesmente de ordem administrativa. Depois, os cerca de duzentos Oficiais ali presentes foram-se juntando várias vezes, em reuniões alargadas ou restritas, fornecendo perspectivas e dados concretos das Unidades onde estavam colocados, preparando assim a revolução, que assumiu maior secretismo depois do chamado “golpe das Caldas”, em 16 de Março de 1974. Sem abordar elementos concretos, direi que, como em qualquer operação militar, foi definida a missão, a situação, objetivando o conjunto de Forças Amigas e Forças Inimigas e o modo de executar a operação, atribuindo às forças amigas as tarefas específicas a realizar para concretização do que estava explícito ou implícito na Missão. Entretanto, no nosso Regimento, ocorrera, no fim da primeira semana do mês de Março, um violento incêndio, com origem nunca conhecida, que destruiu quase todas as viaturas, escapando as poucas que por várias razões não estavam parqueadas. A escassez de meios-auto não condicionou a nossa tarefa, e uma pequena coluna de viaturas saiu em direção a Lisboa, tendo a comandá-la o Capitão Gertrudes da Silva, conduzindo o seu carro particular, que servia de Posto de Comando, na companhia do Capitão Costeira, que comandava a sua companhia operacional, tendo sido, no trajeto, reforçada com forças de Aveiro e da Figueira da Foz, como estava previsto.-----

Os factos desse dia, reais ou romanceados, são mais ou menos conhecidos, mas é minha obrigação realçar que o êxito nacional da operação desencadeada muito se ficou a dever à conduta sábia dos que no terreno foram vencendo os obstáculos e as dificuldades que foram enfrentando. Bem conhecíamos os riscos da participação no que sabíamos ser uma sublevação. Nós os cinco, e as nossas famílias mais chegadas, tínhamos plena consciência do que poderia ter acontecido em caso de inêxito, que é sempre de considerar, porque não há memória de as batalhas entre contendores terem tido sempre um desfecho lógico e esperado. E face aos normativos do Código de Justiça Militar, um eventual falhanço só não produzia efeitos trágicos porque, formalmente, Portugal nunca assumiu estar em situação de guerra. Como nos partos, os tempos que se seguiram não foram fáceis, mas passados todos estes anos, quando quase 1/3 dos companheiros já nos deixaram com a angústia de não terem podido assistir ao fim de todas as causas que os motivaram como Capitães de Abril, é com alguma emoção que lhes envio a mensagem de que o 25 de Abril de 1974 continua vivo e que vai ficar na História de Portugal por boas razões.-----

Não quero cometer a ingratidão de não manifestar ao Sr. Presidente da Câmara Municipal e ao Sr. Presidente da Assembleia Municipal o nosso apreço pelo facto de terem aceitado incorporar no esquema comemorativo o almoço convívio nas instalações do RI14, que, para nós, começou por ser idealizado como o ato mais simbólico do quadragésimo aniversário, do nosso particular empenhamento na revolução.-----

Termino expressando, a todos os eleitos, votos dos maiores êxitos pessoais, profissionais e políticos, ciente do que eles podem representar para todos nós. Muito obrigado.-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Obrigado Senhor Tenente General. Para a intervenção seguinte, chamava os três Jovens, a Rafaela Ferreira, o Luís Ferreira e o Fábio Almeida. Irá intervir o Luís Ferreira em nome dos três Jovens.-----

----- **DOIS – O JOVEM LUÍS FERREIRA:** Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Excelentíssimos Representantes da Família de Abril, Meus Senhores e Minhas Senhoras. Comemoram-se hoje quarenta anos do 25 de Abril de 1974 - o dia da Revolução, da conquista da Liberdade.-----
Não sei bem que idade eu teria nessa altura, mas o meu pai tinha acabado de fazer onze anos e, por isso, ainda me considero um parente próximo da Liberdade! Quatro décadas volvidas, a nossa relação de parentesco fortaleceu-se e a cada dia que passa lhe atribuo maior importância. É também cada vez maior o respeito e a consideração que me merecem aqueles que, com espírito de liderança, infinita coragem e guiados por um sonho desmedido de justiça e de igualdade, se arriscaram e derrubaram as grades do cativeiro em que Portugal se transformara, devolvendo à Pátria o orgulho da sua nacionalidade.-----
Como disse Aquilino Ribeiro, nosso Mestre, meu conterrâneo, um dos filhos mais ilustres da nossa Beira e das suas *Terras do Demo*, e que, na minha opinião, foi um antecipado general de abril: *“O que o homem mais aprecia acima de grandezas, glória, amor, acima do seu próprio pão para a boca, é a liberdade...”* e é também ele que nos aconselha a cultivar *“a inquietação como fonte de renovamento”*.-----
Foi, na verdade, essa inquietação e o sonho de uma geração descontente que germinou o movimento organizado que levaria a uma revolução com repercussão nacional. Uma revolução única a nível mundial, onde as balas eram cravos vermelhos e a bandeira era a esperança. Toda esta afinçada e organizada luta, para se atingir o grande objetivo da conquista da Liberdade, da extinção da censura e da opressão.-----
Cabe-nos, a nós, portugueses, conquistadores insatisfeitos, que demos novos mundos ao mundo, que nunca desistimos, desafiando a própria vida *“por mares nunca dantes navegados”*, buscar na História mais recente ou na mais remota os grandes exemplos que fizeram de nós um povo grandioso.-----
É certo que, atualmente, a nação se encontra insatisfeita e desmotivada e, como diria certa Pessoa, *“Tudo é incerto e derradeiro. / Tudo é disperso, nada é inteiro. / Ó Portugal, hoje és nevoeiro...”*. É verdade que o futuro da minha geração também se afigura nublado, baço, sem fulgor. Não há dúvidas de que, por vezes, somos tomados pelo desalento e pela desconfiança. Porém, não será um mero nevoeiro que nos irá derrotar! Porque somos trabalhadores, porque somos lutadores e, acima de tudo, porque, felizmente, somos descontentes! Se é o descontentamento que conduz à ação, que proporciona novas ideias e novos ideais, que gera protótipos de um país melhor, então que se viva essa inquietação, que continue esse descontentamento e que nunca nos sintamos cansados de lutar e de sonhar. Citando Zeca Afonso, *“O que é preciso é criar o desassossego”*, só assim se conseguirão novos tempos de procura, de sucesso, de realização!-----
Porque ser português é ser tudo isso! É ser lutador e conquistador, é ser idealizador, é ser insatisfeito e desassossegado. Não esquecendo a glória dos nossos antepassados e tomando as suas ações como exemplo, há que reacender a chama, há que remar contra a maré ou aproveitar os ventos favoráveis. E esta *“É a hora!”*.-----
Bons exemplos de perseverança, de ideais e de conquista são as nossas escolas viseenses, quais represento humildemente. Há séculos a formar pessoas de elite, a ensinar a ser e a estar, a dar exemplos de sucesso e a proporcionar lições de vida, com projetos educativos exemplares de cultura e de inclusão. E como se não bastasse este exemplo, orgulhamo-nos também da nossa Cidade de Viseu que continua a atrair investimentos, com uma agenda cultural polivalente, e é considerada por muitos a melhor cidade para se viver. Com certeza que estes exemplos de êxito demonstram bem o espírito viseense. Não nos contentamos com a metade, lutaremos sempre pelo Absoluto!-----
Quero também deixar aqui a expressão do meu apreço pelos Capitães de Abril e por todos aqueles que lutaram pela liberdade. A eles, toda a minha geração deve, com certeza, uma especial e sentida congratulação, e, a promessa de que do seu empenho e sacrifício



retiraremos bons exemplos, pois eles foram verdadeiramente a mudança, eles foram a expugnação, eles foram os plantadores de cravos. Se hoje me encontro a discursar, a ler as minhas próprias palavras e a demonstrar a minha visão da liberdade e da nação, a eles manifesto a minha gratidão por não ter sido censurado! Se hoje aqui estou em representação da família de abril, é graças a eles, homens de coragem e de ideais. Graças ao seu descontentamento, graças à sua garra!-----

O tributo que podemos prestar-lhes por tão grande dádiva é zelar pela Liberdade, investindo na tolerância, na solidariedade, na generosidade, na honestidade e no respeito pelos que nos rodeiam.-----

Fica o juramento! A nossa geração, apesar de assombrada por esta malfadada crise, está consciente das dificuldades. E, com trabalho, com rigor, com entusiasmo, com dedicação, havemos de saber manter e cultivar o legado da liberdade, recomeçando sempre, não desanimando perante os obstáculos.-----

E, para terminar, permitam-me partilhar convosco este poema de Miguel Torga:-----

Recomeça...-----

Se puderes-----

Sem angústia-----

E sem pressa.-----

E os passos que deres,-----

Nesse caminho duro-----

Do futuro-----

Dá-os em liberdade.-----

Enquanto não alcances-----

Não descanses.-----

De nenhum fruto queiras só metade-----

E, nunca saciado,-----

Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.-----

Sempre a sonhar e vendo-----

O logro da aventura.-----

És homem, não te esqueças!-----

Só é tua a loucura-----

Onde, com lucidez, te reconheças...-----

Viva a cidade de Viseu! Viva Portugal! Viva a Liberdade!-----

Felizmente há desassossego!-----

Muito obrigado!-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Agradecia à Rafaela, ao Luís e ao Fábio por esta intervenção. Vão iniciar-se as intervenções dos Partidos Políticos e dava a palavra ao representante da Coligação Democrática Unitária.-----

----- **TRÊS – A SENHORA DEPUTADA MARIA FILOMENA DE MATOS PIRES (CDU):** Com a alegria de Abril, cumprimento todas as pessoas aqui presentes, desejar um muito bom dia a todos.-----

Celebramos hoje Abril com os olhos postos em Maio.-----

Abril pôs fim à mais longa ditadura fascista da Europa. 48 anos de terror que tolheram o desenvolvimento do País, comprometeram a nossa soberania e independência nacionais, colocaram as alavancas da nossa economia nas mãos de grandes monopolistas e latifundiários, foram responsáveis por uma das maiores vagas de emigração da nossa história, conduziram a uma guerra colonial com muitos milhares de mortos, deixaram um rasto de miséria, atraso, obscurantismo e isolamento.-----

Chegou Abril. Continha em si a força e as potencialidades necessárias para realizar a eliminação de muitas das mais graves desigualdades, discriminações, injustiças sociais e para a construção de uma nova sociedade democrática.-----

A Revolução de Abril significou um extraordinário progresso da sociedade portuguesa. As

suas grandes e históricas conquistas criaram condições para um dinâmico desenvolvimento económico, social, político e cultural conforme com a situação, os interesses, as necessidades e as aspirações do povo português. Os valores de Abril criaram raízes profundas na sociedade portuguesa e por isso dizemos que a revolução de abril, ainda em curso, não pode ser alterada por forças externas e transformada em “sonho do passado” por governos submissos a um mercado financeiro que é hostil a esses valores.-----

O 40º Aniversário da Revolução de Abril assinala-se num momento em que os trabalhadores e o povo português se confrontam com o aprofundamento da agressão aos seus direitos sociais, económicos e culturais, em consequência de uma inaceitável intervenção externa da União Europeia e do FMI, acordada com o PS, PSD e CDS, na sequência dos PEC do Governo PS, que agride a soberania e põe em risco a independência nacional.-----

Mas abril não aceita que a geração formada em Portugal emigre para produzir noutros países; que a “inteligência” portuguesa seja exportada como mercadoria barata; que as jovens em condições de procriarem sejam impedidas de o fazer por uma exigência de mercado de trabalho desumana; que os adolescentes fiquem nas ruas sem escolas sem recursos de formação ao sabor da cultura de violência alimentada pela comunicação social que repete programas estrangeiros sem qualquer respeito pela nossa identidade cultural; que os seus idosos passem fome e tenham de enfrentar a miséria porque as pensões e reformas são roubadas; que as novas gerações não conheçam a esperança de uma vida digna, esmagadas que estão pela ambição do lucro de uma elite perversa.-----

Em véspera de eleições faz jeito levar um cravo vermelho ao peito mesmo quando a violação do texto da constituição e o desrespeito pela democracia se torna uma rotina. No intenso pulular de evocações e declarações, nem sempre o cravo é verdadeiramente vermelho nas intenções que se escondem em pétalas menos patenteadas.-----

Como antes do “25 de Abril”, há quem considere o povo português despolitizado, apático e conformado. Assim o desejam mas assim não é. Apesar das dificuldades os braços não caíram porque todo o tempo é de abril quando de luta é feito o tempo que vivemos. Nela nasce a esperança. Dela se faz o futuro. A Revolução de Abril completa 40 anos de luta, ela é do povo e será comemorada nas ruas e nos recintos populares que a respeitam, hoje mesmo no rossio de Viseu. O processo revolucionário prossegue no combate às injustiças de classe, à austeridade imposta a quem vive do seu salário, às camadas sociais mais pobres, para pagar uma dívida que não é deles e que enriqueceu o sistema financeiro que foge ao fisco e aos tribunais.-----

A Revolução de Abril está viva e carrega a esperança de salvar Portugal porque os seus valores são sementes de futuro. Abril vai continuar sempre que o povo quiser lutar, porque o povo sabe que é ele quem mais ordena e que unido jamais será vencido! Viva Abril com os olhos postos em Maio!-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Obrigado Senhora Deputada Filomena Pires. Dava a palavra para intervir ao representante do Bloco de Esquerda.-----

----- **QUATRO – O SENHOR DEPUTADO CARLOS ALBERTO VIEIRA E CASTRO RODRIGUES (BE):** Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados, Ilustres Convidados, e em primeiro lugar os Militares de Abril aqui presentes, Minhas Senhoras e Meus senhores. Comemorar 40 anos do 25 de Abril assume um significado especial, não por ser uma data redonda, mas porque Portugal atravessa a sua maior crise desde a Revolução dos cravos e, também, porque os portugueses começam a dar-se conta de que esta democracia tem quase tanto tempo de vida como os 48 anos que durou a ditadura. Já não temos o alibi da juventude. Há 40 anos atrás, descobrimos a paixão por uma moça viçosa e prometedora, chamada Liberdade. Com ela vieram as suas duas irmãs, Igualdade e Fraternidade (que alcunhamos de Solidariedade). Demos as mãos e lançámo-nos à conquista da cidade sem muros, nem ameias, de que falava o Zeca, sonhámos com

um futuro resplandecente, a “cidade prevista” de Drummond de Andrade, o Socialismo, e mesmo quando, passados apenas 580 dias, que no entanto mudaram Portugal para sempre, ao terceiro golpe, prenderam militares de Abril e baniram a Utopia, resistimos e continuámos a lutar pelas conquistas e os ideais de 1974: O Serviço Nacional de Saúde, a Escola Pública, universal, geral e gratuita (cada vez menos tendencialmente), a Segurança Social e trabalho com direitos. Hoje, acordamos e vemo-nos na cama ao lado de uma velha feia e mal cheirosa, uma democracia caquética e purulenta, com sintomas de doença grave, crónica ou mesmo incurável, com rugas de injustiça e metástases de corrupção a invadir-lhe os órgãos vitais.-----

Exagero? Segundo o Barómetro da Universidade Católica divulgado há três dias, 83% dos portugueses estão pouco ou nada satisfeitos com a maneira como funciona a democracia em Portugal. 83%! Não é só Mário Soares a considerar que “*é uma ilusão dizer que se vive numa democracia*”. Ramalho Eanes pede “*uma democracia que o seja realmente, o que só é possível, com poucos desempregados e real igualdade*”. Jorge Sampaio alerta: “*A liberdade está em risco. Não há liberdade sem igualdade. Algo está a falhar na nossa democracia. Este presente não pode ser o nosso futuro*”. Talvez o ex-presidente se referisse a Cavaco Silva que no mês passado, escreveu num prefácio, que precisaremos de mais 20 anos de austeridade. Freitas do Amaral diz que “*Vivemos hoje num período de forte retrocesso histórico liderado pelo Governo mais à direita que Portugal teve nos últimos 40 anos*”. Pacheco Pereira, militante do PSD, defende o combate a este governo com “*desobediência civil pacífica*”. Um dos portugueses mais reconhecidos mundialmente, Siza Vieira, numa mensagem gravada para a 8ª Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Urbanismo, em Cádiz, desabafa: “*Há a sensação de viver de novo em ditadura*”.-----

E o que pensam hoje os militares de Abril? A Associação 25 de Abril alerta numa mensagem sobre os 40 anos de Abril: “*As desigualdades, consumadas no aumento do enriquecimento dos que já têm tudo e no cada vez maior empobrecimento dos mais desfavorecidos, transforma a nossa sociedade num barril de pólvora que apenas será sustentável numa nova ditadura opressiva, com o desaparecimento das mais elementares liberdades*”. “*O 25 de Abril foi libertação e festa, passou por participação e desenvolvimento, mas passou também por retrocesso e desilusão, fruto da corrupção e esbanjamento. Hoje sofre revanchismo, roubo e destruição*”. E apelam a “*uma ampla mobilização nacional para mostrar um cartão vermelho aos responsáveis pelo Estado a que isto chegou, expulsando do campo os “vendilhões do templo”*”. “*Os desmandos e a tragédia da atual governação não podem continuar*”, diz a Associação dos militares de Abril.-----

Não podia estar mais de acordo, mas não deixa de ser irónico que Vasco Lourenço, presidente da Associação 25 de Abril, tenha assumido no seu discurso no “Congresso 25 de Abril, 40 anos”, que os militares de Abril se deixaram dividir e tenha desabafado: “*só reconhecemos o inimigo comum depois de sermos derrotados*”.-----

Ouvi ontem à noite, num documentário da RTP 2, o agora Coronel Diamantino Gertrudes da Silva, um dos capitães que saíram do RI 14, no 25 de Abril, a “confessar” que sempre esteve até ao fim com a Revolução e a reconhecer que foi o documento dos 9, que ele se recusou a assinar, que dividiu os militares de abril.-----

Os vencedores do golpe do centro e da direita do 25 de Novembro agem como os romanos: “*Roma não paga a traidores*”. Por isso, a presidente da Assembleia da República respondeu insultuosamente aos militares de Abril que pretendiam falar na sessão do 25 de abril, e os partidos que sustentam o governo recusaram a sua participação. Porque recebavam ouvi-los dizer: **NÃO FOI PARA ISTO QUE FIZEMOS O 25 DE ABRIL!**-----

A Troika, o governo colaboracionista e a oposição de alterne, a que se prepara para alternar no poder, ou partilhar o poder num Bloco Central, como acontece na Alemanha, prometendo apenas mitigar a austeridade (promessa que nem Hollande cumpriu, abrindo espaço à extrema-direita francesa e alentando a dos outros países), presa que está ao Tratado ou Pacto Orçamental, perpetuam o empobrecimento dos portugueses sob o

protetorado da senhora Merkel, a qual consegue assim, com os bancos, o que Hitler não conseguiu com os tanques: uma Europa de escravos chefiados por governos fantoches, como já acontece em Itália com dois governos não eleitos desde 2011. Ou governos com nazis, como acontece na Ucrânia, entalada entre dois regimes autoritários de oligarcas corruptos.-----

A Inquisição mais longa da Europa (até ao século XIX) e a mais longa ditadura da Europa no século XX, com as suas polícias tenebrosas, os seus nojentos “bufos”, a censura, a repressão mais feroz, perseguições, prisões (15 mil a 17.500 presos políticos só de 1945 a 1974), campos de concentração e torturas, instilou nos portugueses o Medo de Existir, dissecado por José Gil.-----

José Mário Branco dizia no seu fabuloso e genial FMI: “Nós somos um povo de respeitinho muito lindo, saímos à rua de cravo na mão sem dar conta de que saímos à rua de cravo na mão a horas certas, né filho?”-----

Zeca Afonso dizia o mesmo, sem ironia: “O que é preciso é criar desassossego. Quando começamos a criar álibis para justificar o nosso conformismo, então está tudo lixado! (...) Acho que, acima de tudo, é preciso agitar, não ficar parado, ter coragem, quer se trate de música ou de política. E nós, neste país, somos tão pouco corajosos que, qualquer dia, estamos reduzidos à condição de ‘homenzinhos’ e ‘mulherzinhas’. Temos é que ser gente, pá!”-----

Minhas Senhoras e Meus Senhores:-----

Honrar o 25 de Abril é defender o desenvolvimento sustentado que crie emprego, defender os serviços públicos, o SNS, a Escola Pública e impedir a política de interiorecídio que só investe no litoral, como se vê com os investimentos públicos anunciados para o novo QREN, que aprofundará o despovoamento do interior, extinguindo serviços públicos fundamentais para a fixação das populações, como postos de correio, repartições de Finanças, escolas (começaram pelas que tinham menos de 5 alunos, depois menos de 10 e agora já fecham as que têm menos de 21 alunos), serviços hospitalares (ameaçam retirar até a cirurgia pediátrica do Hospital de Viseu), a confiscação dos baldios à gestão das populações (o que nem Salazar conseguiu), e a asfixia fiscal da pequena agricultura de subsistência. Temos de sustentar a transferência criminosa e escandalosa de rendimentos do trabalho para o capital que só com a lei de 2012, das horas extraordinárias e dos feriados, foi de 2,3 mil milhões de euros.-----

Temos que desobedecer à Troika e aos seus capatazes que impedem o aumento do Salário Mínimo, o mais baixo da zona euro, quando há um largo consenso entre patrões e sindicatos, e pretendem facilitar ainda mais os despedimentos sem justa causa e perpetuar os cortes nas pensões. Temos de dizer não à chantagem da dívida. De 2002, pelo menos, até 2011, a dívida pública portuguesa era inferior à alemã. Desde que a Troika cá entrou, a dívida subiu de 94% do PIB para 130%. 74 personalidades portuguesas (incluindo 2 assessores do P.R., logo demitidos por Cavaco) defenderam a reestruturação da dívida para Portugal poder crescer, no que foram apoiados por 74 economistas estrangeiros. Nós não somos dívida!-----

Martin Luther King, o mártir dos direitos civis nos EUA, dizia que “É nosso dever moral, e obrigação, desobedecer a uma lei injusta”.-----

A Constituição da República Portuguesa consagra, no Art.º 21º, “o direito de resistência”. “Todos têm o direito de resistir a qualquer ordem que ofenda os seus direitos, liberdades e garantias e de repelir pela força qualquer agressão, quando não seja possível recorrer à autoridade pública”.-----

Foi o que fez o cônsul Aristides de Sousa Mendes que desobedeceu a ordens expressas de Salazar, e passou vistos a 30 mil refugiados dos nazis, incluindo judeus, o que lhe valeu ser condenado à miséria pelo ditador amigo de Hitler.-----

Foi o que fizeram os 100 mil refractários e desertores da guerra colonial, 12,5% dos 800

mil jovens que foram combater, a maioria a contragosto, contra os guerrilheiros dos movimentos de libertação.-----

Desobedecer à hierarquia foi o que fez o MFA no 25 de Abril. Foi o que fizeram o alferes Sotó Mayor e o cabo José Alves Costa, condutor de um carro blindado, quando desobedeceram às ordens de um brigadeiro do Regimento de Cavalaria para disparar sobre as tropas de Salgueiro Maia, decidindo definitivamente a sorte do 25 de Abril.-----
Como dizia a poeta Ana Hatherly, “O que é preciso é gente/ gente com dente”/ (...) e mostre o dente potente/ ao prepotente”. “O que é preciso é gente/ que atire fora com essa gente”.-----

Ou se preferirem, para acabar com Sérgio Godinho, que vai estar connosco mais logo:-----
Mais vale ser um cão raivoso / Que uma sardinha /Metida, entalada na lata Educadinha/ pronta a ser comida, engolida, digerida/ e cagadinha.-----
Mais vale ser diferente da sardinha/ um cão raivoso que sabe onde ferra-----
Ferra fascistas e chama-lhe um figo/ olhos atentos e patas na terra-----
A luta continua!-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Muito obrigado Senhor Deputado Vieira e Castro. Dava a palavra ao representante do centro Democrático Social Partido Popular.-----

----- **CINCO – O SENHOR DEPUTADO CARLOS FERNANDES DA CUNHA (CDS/PP):** Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal e demais Mesa, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal e restantes Membros da Vereação, Senhores Representantes dos Grupos Municipais demais Entidades aqui presentes, Excelentíssimos Senhores Capitães de Abril, Meus Senhores e Minhas Senhoras.-----

Sobre o 25 de abril já quase tudo foi dito ou escrito, no entanto, todas as palavras são escassas para agradecer àqueles que com a sua coragem e determinação contribuíram para que Portugal deixasse de ser um regime Ditatorial para ser uma Democracia.-----

Foi este Tempo Novo, de que falou Sophia de Mello Breyner no Poema Revolução, que se iniciou a 25 de abril de 1974 até ao dia de hoje, em que nos reunimos para comemorar os 40 anos daquela que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos por ser pacífica e quase sem perda de vidas humanas.-----

A Liberdade não tem preço, nem amarras, nem é monopólio exclusivo de uma força partidária ou de uma ideologia.-----

O regime democrático português atravessa, presentemente, uma crise de meia-idade, que conduziu inúmeros concidadãos a distanciarem-se da vida política ativa. Confrontamos, na atualidade, com preocupantes taxas de abstenção e elevadas percentagens de votos brancos ou nulos que, entre as várias possíveis leituras, demonstram o descontentamento do cidadão comum face aos principais agentes políticos à qual se associa um decréscimo da militância partidária.-----

Esta situação era impensável nas décadas de 70 e 80, porque residia em cada português a esperança e uma vontade férrea em ser um participante ativo nos acontecimentos da vida política.-----

Portugal vive, nos nossos dias, um período excecional da sua História. É necessário termos bem presente que em 40 anos de democracia precisámos de recorrer por três vezes à ajuda financeira externa.-----

Atualmente, encontramos-nos na fase final do Programa de Assistência Financeira. Estamos certos que os esforços efetuados nos ajudaram a resistir e a restituir a credibilidade financeira perante a Comunidade Internacional. Brevemente, Portugal terá de novo capacidade para se financiar a taxas de juro aceitáveis, que permitam estimular a economia e o crescimento económico.-----

Temos bem presente o que isso nos custou e os sacrifícios que nos foram exigidos.

Aceitámo-los em nome do Futuro. Por isso, é importante não voltar a cometer os erros do passado para que possamos deixar aos mais jovens um país próspero e com menos dívida.- Nestes 40 anos de Democracia, Viseu fez o seu caminho, sendo atualmente uma Cidade moderna e em plena afirmação.-----

Viseu possui atualmente melhores e mais modernos estabelecimentos de ensino, melhor saúde e modernas vias de comunicação que permitem deslocações rápidas. Temos ainda um património cultural e histórico vasto e uma das melhores tradições gastronómicas, que associados à arte de bem receber, característica dos beirãos, são dos principais atrativos para aqueles que visitam a nossa cidade.-----

No entanto, há sectores para os quais importa olhar com redobrada atenção a começar pelo Comércio Tradicional, que outrora era forte e pujante e hoje sobrevive com dificuldade, uma vez que, mesmo nas principais artérias da cidade existem lojas comerciais encerradas.-----

Também o Centro Histórico clama por recuperação, não só ao nível dos edifícios, mas também ao nível dos residentes, uma vez que nos últimos anos se tem acentuado a perda de moradores naquela zona nobre da cidade.-----

Viseu precisa de continuar a captar investimento para fixar população. A melhor cidade para morar tem de ser também a melhor cidade para trabalhar.-----

Urge combater o fenómeno da desertificação que assola principalmente as freguesias rurais do Concelho e dar uma especial atenção às franjas mais desprotegidas da sociedade, em especial os idosos, as crianças, os desempregados, as pessoas com deficiência, que dependem muitas vezes da ajuda de terceiros para fazer face às suas necessidades primárias.-----

A concluir e sobre abril ocorre-nos citar Fernando Pessoa: “Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena!”-----

----- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Muito obrigado Senhor Deputado Carlos Cunha. Dava a palavra ao representante do Partido Socialista.-----

----- SEIS – O SENHOR DEPUTADO ANTÓNIO MANUEL ANTUNES RAFAEL AMARO (PS:) Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Excelentíssima Senhora e Senhor Secretários da Mesa da Assembleia Municipal, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara, Excelentíssimas Senhoras e Senhores Vereadores, Excelentíssimas Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Excelentíssimos Senhores Capitães de Abril e demais Combatentes e Resistentes, Caras e Caros Convidados, Senhoras e Senhores Jornalistas, Caras e Caros Cidadãos.-----

As portas que Abril abriu, faz hoje precisamente 40 anos, recordando aqui o título de um simbólico poema de Ary dos Santos, puseram fim a 48 anos de um Portugal vergado e humilhado ao peso de uma ditadura e abriram o caminho, pela primeira vez na nossa história de quase 900 anos, à fundação de um regime democrático que possibilitou aos portugueses tomarem nas suas mãos o seu destino coletivo.-----

Nunca serão excessivas, por isso, as homenagens que fizemos a todos os que resistiram e lutaram, colocando muitas vezes as suas vidas e a das suas famílias em risco, enquanto outros se remetiam ao silêncio e à inação, acreditando sempre que o «*dia inicial inteiro e limpo*» imaginado por Sophia de Mello Breyner havia de chegar. Gostaria, por isso, com o reconhecimento de quem como eu já pôde usufruir dos benefícios da liberdade e do fim de uma guerra colonial sem sentido, de humildemente me curvar perante todos os que resistiram e com isso contribuíram (civis e militares) para que o 25 de Abril fosse uma realidade. O facto de hoje aqui, nesta Assembleia Municipal Extraordinária Comemorativa dos 40 anos do 25 de Abril, podermos destacar o relevante papel do Regimento de Infantaria 14 de Viseu no desenrolar das operações da revolução, partilhando este momento com os Capitães de Abril, transforma esta Assembleia num momento memorável, dignificando ainda mais o mandato democrático de que todos nós fomos investidos.-----

O 25 de Abril representou, não o esqueçamos nunca, o fim de 48 anos de um Estado fascista, satisfeito por permanecer contra tudo e contra todos «orgulhosamente só», e que a si próprio se autodenominou de «Estado Novo», mas que de verdadeiramente novo só teve, sobretudo depois da vitória das democracias na II Guerra Mundial, o seu progressivo isolamento na comunidade internacional. Portugal e os portugueses viveram, assim, durante quase meio século, debaixo de um regime alicerçado politicamente numa visão retrógrada e idílica do nosso passado, que procurou sobreviver contra um século marcado pela modernidade e pela modernização. Este objetivo, sabemos-lo hoje todos, apenas foi conseguido pela negação dos ideais democráticos, pela perseguição, prisão e muitas vezes morte dos que se lhe opuseram, pela censura prévia sobre todas as formas de expressão e de comunicação. Em suma, mantendo os portugueses amordaçados, negando-lhes os mais elementares princípios de liberdade, tornando central o ato de proibir: estavam proibidos os partidos políticos, os sindicatos, as associações, a livre iniciativa individual e empresarial, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, no fundo a liberdade de existir.-----

Celebrar, portanto, o 25 de Abril é comemorar uma revolução que, como escreveu Jorge de Sena, *«abriu as portas da claridade/e a nossa gente invadiu/a sua própria cidade»*. O nosso povo libertou-se e saiu à rua, ajudando os capitães de Abril a resgatar o país de 48 anos de silêncio e de medo. Medo do livro que se lia contra a vontade da censura e da polícia política. Medo da simples palavra ou gesto, suportando cada um de nós, consciente ou inconscientemente, o «medo de existir». Medo que, nas palavras do filósofo José Gil, carregamos até hoje no mais íntimo do nosso ser coletivo, com efeitos nefastos nos nossos espaços públicos de debate. Resultam daqui, muitas vezes, o medo da frontalidade no debate público, a tendência para a busca de falsos unanimismos, o medo do contraditório, no fundo a desconfiança primária do confronto de ideias essenciais a uma vivência democrática.-----

Celebrar o 25 de Abril, como hoje aqui fazemos, é por tudo isto também uma forma de mostrar aos mais jovens, a todos aqueles que nasceram em liberdade, que comemoramos muito mais que uma simples data histórica. Comemoramos uma revolução que, não obstante algumas tentativas de apagamento da sua rica memória e de alguns revisionismos historiográficos, contribuiu para que se abrisse em Portugal, na Europa e no mundo um novo ciclo de transformações democráticas. Celebrar o 25 de Abril de 1974 e os quarenta anos de democracia é, assim, comemorar um ideal democrático, uma revolução pacífica que, como raras vezes na nossa história aconteceu, nos devolveu a dignidade e o orgulho de sermos portugueses. Apesar dos avanços e recuos de muitos dos ideais de Abril, um recente estudo do Instituto de Ciências Sociais sustenta que o 25 de Abril continua a ser, não obstante o momento difícil e de negação de alguns desses ideais, o acontecimento mais importante da História de Portugal. Não admira que assim seja. A revolução dos cravos representou, afinal, um momento singular de viragem do nosso dever coletivo: Portugal acertou finalmente o passo com todos os povos que amam a liberdade e a democracia e este facto continua a ter um enorme potencial de mobilização para a maioria dos portugueses.-----

Passaram quarenta anos sobre o 25 de Abril. Pouco anos na longa história do nosso país. Faltam-nos ainda oito anos para igualarmos os que vivemos em ditadura. Mas estas quatro décadas são, ainda assim, o único período vivido pelos portugueses em democracia. Pela primeira vez na nossa história, o nosso povo conheceu o sufrágio universal e eleições livres. Pela primeira vez, as mulheres foram reconhecidas como cidadãs: passaram a poder votar, independentemente da sua instrução ou condição; passaram a ter acesso a todas as profissões, a possuir passaporte, a ausentar-se para o estrangeiro sem autorização dos maridos; garantiram o direito de não ver a sua correspondência violada pelos próprios maridos, constrangimentos hoje por nós considerados ridículos, mas que existiam, é bom lembrá-lo, sobretudo aos saudosos da boa moral do passado, antes do 25 de Abril.-----

Por tudo isto, talvez não surpreenda o orgulho que sentimos por podermos afirmar que as mulheres portuguesas conquistaram em poucos anos um lugar na sociedade portuguesa que países que admiramos (nomeadamente os países mais desenvolvidos do norte da Europa) levaram mais de meio século a conseguir. Quem se lembra que em 1970, apenas 0,5% das mulheres portuguesas possuía um curso superior? Pois bem, hoje já são 17% as mulheres com um curso superior, percentagem, aliás, superior à dos homens que se fica pelos 15%. Números que evidenciam o significado desta revolução silenciosa, só possível com as mudanças políticas e sociais iniciadas com o 25 de Abril e que, pelo menos desde há 20 anos, fizeram com que as mulheres fossem a maioria nos bancos das universidades, sendo hoje mais 15 000 que o número total de rapazes. Em 1974, apenas 7,6% dos doutoramentos realizados tiveram como autoria mulheres; em 2012 são já 54,1%.----- Mas este é também o país em que o Ensino Superior deixou de ser um privilégio de uns poucos: de cerca de 30 000 estudantes na Universidade no final da década de sessenta, para quase 400 000 em 2013. De menos de 1% (0,9%) de licenciados em 1970 para os 17% atuais. São poucos os países, muito poucos mesmo, caras e caros concidadãos, que se podem orgulhar destas e de outras transformações políticas e sociais, em tão pouco tempo. Em 1974, mantínhamos indicadores de educação e de saúde que nos envergonhavam, em comparação com as médias conseguidas pelos países europeus: mais de 25% dos portugueses com mais de 10 anos não sabiam ler nem escrever e a taxa de mortalidade infantil fixava-se em 55 óbitos por cada 1000 nados-vivos com menos de um ano de idade. Em quatro décadas de democracia eliminámos praticamente o analfabetismo e lideramos na Europa e no mundo (ou pelo menos liderávamos em 2012), uma das mais baixas taxas de mortalidade infantil, com 3,4 óbitos por cada 1000 nados-vivos. Indicadores de educação e de saúde, é bom lembrá-lo, só possíveis no quadro do Estado-Providência criado com o 25 de Abril. Criado com 30 anos de atraso, relativamente ao que se vinha fazendo na Europa democrática do pós II Guerra Mundial, mas, ainda assim, com o vigor suficiente para eliminar, esperamos que definitivamente, os resquícios de uma assistência pública caridosa que vinha do passado, construindo, no seu lugar, os alicerces de um Estado Social que esperamos, apesar dos ataques recentes a estas e outras conquistas de Abril, ver consolidado.-----

O balanço como se vê, mesmo sem necessidade de me socorrer às obsessões constantes com que nos preenchem os dias, como a austeridade, o PIB e o défice, é largamente favorável ao regime conquistado com o 25 de Abril. Se outras razões não houvesse, e há muitas como vimos, restava a superioridade moral de vivermos em liberdade. Podemos sempre discordar do alcance e das metas políticas concretizadas em torno dos célebres três DDD: Democratizar, Descolonizar, Desenvolver. Claro que gostaríamos que a Democracia fosse mais real e social. Claro que poderemos sempre discutir se a descolonização foi a melhor, sobretudo se não ignoramos que foram os governos de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano que optaram por continuar a colonizar quando já ninguém o fazia na Europa, agindo contra os ventos da história e o direito dos povos à autodeterminação. Claro que gostaríamos que o crescimento económico tivesse produzido outro desenvolvimento, sobretudo que tivesse sido capaz de eliminar as assimetrias regionais profundas e a pobreza estrutural de uma parte significativa da população portuguesa. Claro que nos choca os recorrentes ciclos de emigração, o maior dos quais é o atual, reveladores de medos que julgávamos ultrapassados e que, parafraseando o escritor Rentes de Carvalho, significam «a negação constante do direito mais elementar da pessoa: o direito à vida no próprio país». Choca-nos tudo isto, como também nos deprimem as nódoas negras de uma vivência democrática que convive bem com a corrupção, com a banalização da mentira, com o tráfico de influências praticados às claras pelos novos licenciados nas técnicas de facilitadores de negócios, seja lá o que isto for. Tudo isto é criticável, mas do balanço de quatro décadas de democracia, continua de pé um país que, no espaço de uma geração se ergueu do fardo de uma das mais longas ditaduras da história europeia, do fim de uma

guerra colonial longa de 13 anos, pondo termo ao mais antigo império colonial do mundo, substituindo tudo isso pela sua plena integração na Europa, o mesmo é dizer num dos espaços económicos mais desenvolvidos do mundo.-----

Contudo, olhamos, vemos, ouvimos e lemos e não podemos ignorar. Apesar de todo o caminho percorrido, do muito que já alcançámos, o país, os portugueses não estão felizes e temos de novo o espectro do medo. Não vivemos dias felizes e receamos que esta crise que, convém lembrá-lo, antes de ser económica e social, começou por ser financeira, está a ser aproveitada por quem nos governa em Portugal e na Europa para nos negar muitos dos sonhos que Abril abriu. São múltiplos os projetos políticos e ideológicos que cabem nessas largas portas. Contudo, as políticas seguidas em Portugal nos últimos anos, visando estratégica e ideologicamente ferir de morte o Estado Social e os próprios alicerces do Estado-nação como comunidade, não auguram nada de bom. Políticas com finalidades ideológicas bem determinadas que, fomentando o conflito entre gerações, virando velhos contra novos, desempregados contra quem tem trabalho, funcionários públicos contra os restantes trabalhadores, colocam não só em causa o sentido político de comunidade, como procuram ferir de morte os ideais que Abril semeou. O sentido de comunidade política evidenciado com o 25 de Abril está hoje posto em causa colocando em risco a sustentabilidade do próprio regime democrático. Porém, ainda que o presente nos tolde por vezes a memória, o pior exemplo que podíamos dar aos mais jovens era deixar que se confundisse o 25 de Abril com as dificuldades que vivemos no presente. O 25 de Abril representou o futuro. E nada nem ninguém, nem mesmo os que veem nesta crise a oportunidade para fazer recuar muitas das conquistas conseguidas com a revolução, terá a força suficiente para nos roubar o futuro.-----

Podem roubar-nos o presente, mas as portas que abril abriu não se fecharão. Podem fazer-nos regressar o medo e a incerteza, mas nós não esqueceremos nunca que o 25 de Abril foi feito por quem não tinha medo. O futuro ontem como hoje será sempre dos que, como há quarenta anos, não se resignam, não se calam perante as injustiças. Libertemo-nos então hoje como ontem do medo lutando, exercendo como cidadãos livres os nossos direitos e deveres cívicos, combatendo politicamente todos os que, de uma forma ou de outra, consideram como danos económicos colaterais e uma fatalidade a emigração de milhares de jovens, o desemprego, a pobreza e a fome que nos envergonham.-----

Viva o 25 de Abril!-----

Vivam Portugal e os Portugueses!-----

Viva Viseu!-----

---- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Muito obrigado Senhor Deputado Rafael Amaro. Dava a palavra ao representante do Partido Social Democrata.-----

---- **SETE – O SENHOR DEPUTADO MANUEL TEODÓSIO MARTINS HENRIQUES**

(PPD/PSD): Excelentíssimo Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal e restantes Elementos, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores, Excelentíssimos Senhores Deputados e Senhoras Deputadas da Assembleia Municipal de Viseu, Excelentíssimos Ilustres Convidados, Capitães de Abril e demais Entidades Cívicas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Quarenta anos depois da madrugada de 25 de Abril de 1974, em que a canção “Grândola Vila Morena” foi a senha escolhida para despoletar as movimentações militares previamente organizadas com todo o necessário secretismo, permitiram operar a grande mudança política em Portugal que devolveu aos portugueses a liberdade há várias décadas perdida, e que ficou referenciada na história como a revolução dos cravos.-----

Nunca será demais, deixarmos aqui bem expressa, e de uma forma perfeitamente inequívoca, em nome do Partido Social Democrata, o nosso reconhecimento e agradecimento público, aos Capitães de Abril.-----

Também os militares que por opção própria e livre, levaram a cabo, com sucesso e sem

derramamento de sangue, esta revolução, desejada pela esmagadora maioria dos portugueses, merecem igualmente o nosso reconhecimento e agradecimento.-----

Um outro reconhecimento devemos de igual forma registar, e este é diretamente endereçado aos familiares mais diretos dos militares, que de uma forma muito própria e muito particular, também deram a sua contribuição inestimável para a concretização do 25 de Abril.-----

Na nossa consciência está ainda bem gravado, o ato heroico daqueles que em prol da liberdade e da democracia, correram o risco de perder não só a sua liberdade pessoal, mas também a sua própria vida.-----

Um enorme obrigado a todos vocês.-----

Ao falarmos do 25 de Abril de 1974, temos forçosamente de nos repetir em alguns considerandos e em algumas dados informativos, sempre com o mais elevado objetivo de não deixar cair no natural esquecimento do tempo, a realidade de um país que vivia em ditadura, que não permitia a existência nem de partidos nem de sindicatos, onde as mulheres tinham um estatuto de subalternização relativamente aos homens, onde o acesso à educação e à saúde era destinada apenas a uma minoria privilegiada, onde não era permitida a liberdade de expressão, de reunião nem de associação e até o próprio pensamento era condicionado pela censura da PIDE.-----

Não podemos deixar cair no esquecimento, que Portugal era um país completamente isolado do mundo, mas “orgulhosamente só”, não queria abrir mão das suas colónias, em algumas das quais, já existia uma situação de guerra colonial, onde morriam muitos jovens militares que nela participavam contra a sua vontade, espalhando no país um número crescente de viúvas e de órfãos, e muitas famílias que ainda hoje sofrem com essas perdas humanas.-----

A revolução do 25 de Abril, também ficou conhecida como a revolução dos “três D”: Democratizar; Descolonizar e Desenvolver.-----

Acabou com a guerra nas províncias ultramarinas, concretizou a descolonização prometida, devolveu a democracia aos portugueses e deu início a todo o processo desenvolvimento do país.-----

Reconhecemos que a paternidade do 25 Abril, pertence a quem a pensou, organizou, implementou e executou, mas também não podemos omitir nem esquecer a forma espontânea, natural e maciça como os portugueses saíram à rua para apoiar os militares, dando como que uma estocada final no regime ditatorial que nos governava. Por isso, hoje passados 40 anos podemos assumir e reconhecer, que o 25 de Abril é algo tão grande e tão nobre, que a sua paternidade, poderá ser partilhada por todos que nele se reveem. Cada um à sua maneira, poderá assumir a sua paternidade, ajudá-lo a crescer, e é salutar que tal aconteça.-----

Somos por vezes levados a fazer a comparação entre o Portugal anterior à revolução e o Portugal de hoje, diria mais, somos motivados até a efetuar a contabilidade destes 40 anos para percebermos se o 25 de Abril já foi ou não concluído. Mas estas contas não podem, nem devem, ser feitas de uma forma simplista nem de uma forma matemática. O ideário que todos associamos ao 25 de Abril, é algo que está em permanente construção, não tem por isso, uma linha perfeitamente delineada no horizonte, para que possamos saber se já o atingimos ou não. Devemos isso sim, entendê-lo como um conjunto de objetivos, faróis de orientação permanente, de toda a nossa atividade política, social e profissional. Pese embora o que acabei de afirmar, todos reconhecemos que o país foi democratizado, que a descolonização foi efetuada, e é também um facto indiscutível que efetivamente o país se desenvolveu bastante e continua a desenvolver muito, de tal forma que as comparações a serem feitas, demonstrarão sempre enormes diferenças para melhor.-----

Enormes mudanças para melhor reconhecemos facilmente, na saúde, na educação, na justiça, nas acessibilidades, nos equipamentos públicos de cultura e do desporto, no parque habitacional, mas também em algo que é marcante e estruturante da matriz do

PSD, estou em concreto a referir-me ao Estado Social. É o Estado Social, que garante algo tão importante como a saúde e a educação gratuita, para quem não tem condições de a pagar, e que apoia os que têm o infortúnio de cair no desemprego. É esta solidariedade institucional que foi construída nestes últimos 40 anos, também ela uma conquista de Abril e que deve ser preservada, que contrasta com o que existia antes do 25 de Abril.----- Mas Minhas Senhoras e Meus Senhores, a grande mudança posicional em relação ao mundo, foi feita quando recusámos um regime que fazia enorme eco da máxima “orgulhosamente sós”, numa fundamentação tacanha e atrasada, em que Portugal não necessitava dos outros países, Portugal apenas precisava de si próprio, argumentando que esse isolamento nos garantia a proteção e a imunidade do exterior, de onde poderiam surgir eventuais contaminações que se deveriam evitar a todo o custo. Hoje se tivéssemos de adotar um lema, seria naturalmente aquele em que se afirma que “ninguém é forte sozinho”, ou de que “a união faz a força”.-----

Hoje somos claramente um país da Europa e do Mundo. Fazemos parte, por opção e por direito próprio, de 87 Organizações Internacionais, podemos provavelmente não ter noção disso, mas é a realidade, e por razões mais que óbvias, dispenso-me de as enumerar.-----

Temos hoje, relações comerciais com quase todos os países do mundo, somos um exemplo de tolerância, de compreensão e mais importante ainda, somos reconhecidos como um bom exemplo de adaptação a diferentes culturas e a diferentes religiões. Sabemos receber bem e integramos com alguma facilidade cidadãos oriundos de outros países, portadores de outras culturas e de outros valores, mas também nos integramos com facilidades nas comunidades dos países para onde emigramos, e onde temos excelentes exemplos de sucesso espalhados por toda a Diáspora.-----

O “Orgulhosamente sós” desapareceu completamente do nosso léxico e das nossas práticas. Antes de terminar, uma última mensagem e quiçá a mais importante.-----

As conquistas de Abril, não nos trouxeram apenas direitos, também nos foi transmitido um legado de deveres e de responsabilidades acrescidas. Cada um de nós deverá exercer a sua cidadania de uma forma ativa e responsável. Imbuído desse espírito, importa que nunca nos deixemos distrair da responsabilidade de defendermos o nosso estado democrático, seja no movimento associativo, seja na vida política, seja ainda de uma forma mais individualizada, dando voz ao nosso pensamento, defendendo as nossas ideias, e exercendo nos momentos próprios, uma das maiores conquistas de Abril, o direito ao voto.-----

Viva o 25 de Abril de 1974.-----

Viva Portugal. Muito obrigado-----

----- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Muito obrigado Senhor Deputado Manuel Teodósio. Dava a palavra ao Senhor Presidente da Câmara.-----

----- OITO – O SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA: Senhor Presidente da Assembleia Municipal e Digníssima Mesa, Senhor Vice-Presidente da Câmara, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal, Senhores Presidentes de Junta, Senhor Comandante do Regime de Infantaria de Viseu, Caros Capitães de Abril (e permitam-me que hoje os despromova promovendo-os), saudando o Senhor Capitão Amaral, o Senhor Capitão Costeira, o Senhor Capitão Gertrudes da Silva e também o Senhor Capitão Amândio Augusto. Saúdo-os com amizade. Queria também saudar o Senhor Diretor da Escola Secundária Emídio Navarro, que hoje aqui nos acolhe, que é o nosso anfitrião neste belo cenário tão participado e tão plural que gostava também de realçar, queria cumprimentar também os Dirigentes e permitam-me que só destaque aqui três instituições neste dia, por um lado o Núcleo de Viseu da Associação 25 de Abril, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas e também a Liga dos Combatentes. Queria também saudar o Senhor Comandante da GNR e o Senhor Comandante da PSP, saudar também carinhosamente os Servidores Públicos, muitos que aqui reencontrei hoje nesta sala, que já desempenharam diferentes funções designadamente no Município, nessa

grande conquista do 25 de Abril, como disse aqui o Senhor General Amaral que foi o Poder Local, antigos Presidentes de Junta, antigos Deputados Municipais e antigos Vereadores. É muito saudável e bom vê-los aqui hoje nesta sala. Queria cumprimentar também todos os Jovens, na pessoa do nosso Jovem que aqui falou, do Luís, na sua pessoa saudar todos os Jovens do nosso Concelho e antes de fazer a intervenção que trazia programada, gostava de fazer aqui três referências prévias: Em Primeiro lugar queria cumprimentar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, queria saudá-lo pela dinâmica destas comemorações dos XL anos e por honrar aqui uma tradição que foi introduzida pelo nosso saudoso Engenheiro Coelho de Araújo. É bom recordar que esta boa tradição que Viseu tem de comemorar o 25 de Abril, foi introduzida por esse Presidente da Assembleia Municipal e portanto, o Dr. Mota Faria dá continuidade e realçar aqui também esta boa parceria entre os dois Órgãos do Poder Local, que acertaram fazer uma comemoração conjunta do 25 de Abril com todo o programa que tem sido desenvolvido.-----

Gostava de fazer referência a duas das intervenções que aqui foram feitas. Por um lado queria felicitar o Luís, foi das intervenções mais bonitas que eu ouvi até hoje sobre o 25 de Abril, não só pela beleza da linguagem, mas também pela esperança. Quem ouvi hoje os discursos sobre do 25 de Abril, acabava por ser atacado por alguma angústia, quando o 25 de Abril não é angústia, o 25 de Abril é esperança. Queria também referir aqui a intervenção do Senhor General Amaral. Foi também uma intervenção de esperança, mais uma vez como há quarenta anos trouxe aqui a esta sala o renovar da esperança nos valores do 25 de Abril e acho que é exatamente aí que nós nos temos que concentrar.-----
Saúdo “a todas e a todos” nesta data tão significativa da nossa existência coletiva, enquanto portugueses e enquanto viseenses. Evocar a Revolução de Abril é muito mais do que recordar uma data histórica ou uma efeméride. O 25 de Abril é, para muitos portugueses, e felizmente que para a generalidade, muito mais do que uma data. 25 de Abril é um símbolo. Um símbolo vivo. Um símbolo que fala e que fala alto, mas não grita. É um símbolo de um bem maior e de uma conquista superior: o bem e a conquista da liberdade. Histórica e politicamente, a liberdade nunca é uma dádiva, nunca é algo dado à partida e de forma imutável. A liberdade política, a liberdade de um povo e do seu destino é uma conquista. É um direito, mas um direito conquistado. O mais das vezes, uma conquista com sacrifícios e com custos, como sabem bem os Capitães de Abril aqui presentes.-----

Na noite de 24 de Abril e na madrugada do dia 25, no ano de 1974, houve Homens e Mulheres que se sacrificaram para que hoje fossemos cidadãos plenos. Homens e mulheres que correram riscos, que abdicaram de uma zona de conforto, que usaram de coragem, de solidariedade e de visão. Homens e mulheres que romperam medos, pessoais e coletivos.---
Em Lisboa, no Porto, em Lamego, em Braga, em Viana do Castelo, em Santarém, mas também em Viseu. Entre esses Homens e Mulheres estiveram os cinco capitães do Regimento de Infantaria de Viseu que vão ser perpetuados na Avenida dos Capitães. Refiro aqui os nomes de, Gertrudes da Silva, Arnaldo Costeira, Aprígio Ramalho, António Ferreira do Amaral e Amândio Augusto. Temerariamente, estes protagonistas tomaram o comando das operações no Regimento e seguiram para Peniche com a missão de libertar os presos políticos. Também hoje aqui, e nos últimos dias, nas escolas em que se realizaram as “Conversas de Abril”, prestamos a estes homens e às suas mulheres o nosso tributo. Não um tributo de circunstância, um tributo de ritual ou “porque tem de ser”, mas um tributo de convicção. E também um tributo de despertar sobre o sentido atual do 25 de Abril para a nossa Comunidade e para o nosso país.-----

Senhor Presidente da Assembleia, Senhoras e Meus Senhores, Caras e Caros Concidadãos, estas comemorações dos 40 anos de Abril são comemorações felizes e comemorações positivas. São também uma semente de democracia plantada no território dos mais jovens e verificou-se bem isto hoje aqui. Fez bem o Município, a Assembleia e a Câmara, em

marcar de forma solene e expressiva estes 40 anos com uma agenda comemorativa própria. Uma agenda de debate, uma agenda pedagógica e uma agenda cultural. Fê-lo em associação com o RIV, a Associação 25 de Abril e a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, que foram atores e são hoje testemunhas vivas desta mudança.-----

Como cantava o resistente Sérgio Godinho, que esta noite atuará aqui em Viseu, no Teatro Municipal Viriato, casa que é também uma conquista do Poder Local Democrático, *«só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e decidir»*.-----

O 25 de Abril não se fez para ser comemorado. Muito menos se fez para usarmos de uma máscara de felicidade institucional indiferente e longe dos sentimentos e dos problemas dos cidadãos. Ou mesmo para reforçar a “narrativa” dos vencedores, num papel de parede, destituído de sentido crítico. O 25 de Abril fez-se para mudar um estado de coisas, para mudar o país, para “tornar possível o impossível”, na bonita expressão do capitão Salgueiro Maia. Fez-se para realizar no “país real” o chamado desígnio dos “três dês”: democracia, a descolonização e o desenvolvimento. Estas são realizações que muitos portugueses não sentem e não vêem. Porque não têm voz, porque não participam, porque não se revêm nas instituições e nos partidos. Porque sofrem incerteza e angústias em relação ao seu emprego, às garantias sociais do Estado, ao futuro dos filhos e dos netos. Ou porque sentem na pele e no dia-a-dia as assimetrias de oportunidades entre a macrocefalia do país na Capital e as regiões e entre o litoral sobre urbanizado e um Interior despovoado. Despovoado de pessoas, mas também de atividades, de investimentos relevantes, de infraestruturas que sirvam a mobilidade e a economia. Despovoado ainda das funções económicas e administrativas do Estado.-----

Senhor Presidente, Caras e Caros concidadãos. Hoje, o que nos é pedido, o que é pedido aos políticos, aos titulares do poder democrático e aos cidadãos ativos, é que não neguem a democracia, mas que atualizem os sentidos da Revolução nos dias de hoje. Muitos dos discursos são exatamente a negação da democracia e dos valores que o 25 de Abril trouxe. Por outras palavras, que encontremos os sentidos e os desígnios atuais da democracia portuguesa. Não precisamos de outra revolução, mas precisamos que o seu significado e o seu impacto na sociedade portuguesa sejam efetivamente reais. Que seja o seu significado compreendido e ao mesmo tempo também que seja sentido, em particular por quem está fora do “sistema” e por quem está longe do “poder”. Já não se trata de discutir, como há 40 anos se fez no Ciclo de Viseu onde eu estudava, quem é “spinoquista” ou “marcelista”, mas de trazer para dentro do regime quem foi posto de fora ao longo destes anos.-----

As comemorações dos 40 anos do 25 de Abril devem centrar-se em coisas simples, mas essenciais. Coisas essenciais como a inclusão da metade de eleitores que hoje, sistematicamente, se recusa a votarem. Que está alheio e é indiferente ao futuro coletivo.---

Estas comemorações são úteis e necessárias se servirem ainda para chamar a atenção do Poder para a sua responsabilidade de formular propostas justas e estáveis sobre o Estado Social, sem sobressaltos e sem ansiedades. São úteis e bem-vindas se servirem para reclamar do Poder respostas contra o desemprego jovem, contra a nova pobreza e contra uma distribuição desigual da riqueza. Sem ilusões e com verdade, porque também se exige verdade neste momento. Estas comemorações devem ainda servir de espelho à nação e para o reconhecimento da absoluta prioridade de políticas de repovoamento do território e incentivo à natalidade. As projeções recentes do INE deram-nos um retrato do país em 2060 que é o sinal de alarme político mais urgente e relevante para o nosso futuro coletivo, porque põe em causa Portugal como nação. Sinal de alarme que deve ter no Interior a primeira resposta.-----

Caras e Caros Concidadãos, não podem também estas comemorações esquecer que estão ainda por cumprir desígnios fundamentais da Democracia fundada em Abril. Desígnios como a descentralização do Estado, com a regionalização à cabeça. Estes imperativos constitucionais são a verdadeira Reforma do Estado. Um Estado mais próximo dos cidadãos e das regiões. Mais próximo dos problemas e também das oportunidades. Um

Estado menos centralizado, territorialmente mais justo, mais económico, mais ágil e ao mesmo tempo mais simples. Como tenho dito, a Reforma do Estado não pode ser uma quimioterapia no território que só serve para salvar o centralismo.-----

Senhor Presidente, Caras e Caros Concidãos, o sucessivo adiamento dos imperativos constitucionais da descentralização e da regionalização têm estado na base do falhanço das políticas económicas, sociais e de desenvolvimento regional e muito tem contribuído para a descredibilização acelerada do regime. Viseu, cidade-região, tem consciência de si mesma e do seu papel numa mudança positiva, por isso não tem abdicado de construir uma voz no país. Uma voz “em rede”, plural, conectada com outras cidades e no quadro de uma nova cooperação das regiões do Centro-Norte. A Plataforma A25, entre Aveiro, Guarda e Viseu, é também um exemplo desse novo modelo concertado e aberto de política regional.- Foi assim feita a defesa, com recurso a propostas construtivas, das prioridades de investimento no corredor ferroviário Aveiro/Salamanca e na ligação de Viseu à linha da Beira Alta. Prioridades que o Plano Estratégico dos Transportes e Infraestruturas, apresentado este mês, reconheceu. As restrições impostas por Bruxelas aos investimentos rodoviários, que hoje são conhecidas, justificam também o estudo de alternativas para a ligação rodoviária de Viseu a Sul. Soluções com base em estudos, mas também num diálogo político da região com o Governo. A cidade-região exige uma rodovia competitiva a sul, que reduza a distância a Lisboa.-----

Minhas Senhoras e Meus Senhores, Caras e Caros Concidãos, o que preconizamos para o país, praticamos em nossa casa e na construção da nossa Comunidade. Não fosse o Poder Local como aqui foi referido, o Poder Local Democrático uma das mais relevantes conquistas de Abril. A visão que temos para Viseu, concelho e cidade-região, é a de uma comunidade próspera, solidária e democrática. Uma Comunidade atrativa e ao mesmo tempo inclusiva. O novo ciclo que iniciámos há seis meses no desenvolvimento de Viseu será suportado num modelo de governação aberto, colaborativo e em rede. Esta não é uma promessa. É já uma realidade em construção e de “carne e osso”. O programa “Viseu Local”, por exemplo, reflete um novo quadro de parceria estratégica com as Freguesias de Viseu. É um software na descentralização autárquica e numa gestão mais eficiente e ao mesmo tempo mais próxima das pessoas. Este modelo de governação em parceria estende-se a muitas outras dimensões da nossa vida municipal. Ainda ontem foram firmados os contratos de cooperação com 21 associações e clubes desportivos, que criam uma oferta desportiva em 17 modalidades, distribuída pelo concelho. Também esta semana contratualizámos com 46 parceiros, de 22 freguesias, a implementação da iniciativa “Viseu Sénior”. São exemplos reais das virtudes da cooperação e deste trabalho em rede. O Viseu Estaleiro-Escola é outro filho gerado desta atitude aberta e plural, porque efetivamente sozinho, o Município nunca conseguiria estes resultados.-----

Minhas Senhoras e Meus Senhores, o novo ciclo de desenvolvimento de Viseu terá o selo de Abril. De uma governação democrática, inclusiva, participada e colaborativa. Ontem mesmo lançámos em consulta e debate públicos a estratégia para a revitalização do Centro Histórico de Viseu. Fizemo-lo simbolicamente a 24 de Abril, na véspera destas comemorações. Este debate público será, estou certo, um momento muito marcante, tanto para o futuro do Centro Histórico, como no fermento de uma nova cultura de participação cívica. Viseu não quer nem uma democracia de fachada, como não quer uma reabilitação de fachada no seu Centro Histórico. Também não desejamos uma democracia episódica, de quatro em quatro anos. Estamos a estimular, com medidas reais, uma experiência de participação na administração concelhia e na construção dos destinos coletivos. Uma participação livre, mas ao mesmo tempo responsável, sem preconceitos, mas com respeito por todos. Aberta, mas isenta de mesquinhez e maledicência que corroem a confiança a dignidade e também corroem a democracia enquanto tal. Esta participação decorrerá no que diz respeito ao Centro Histórico nos próximos dois meses e a agenda de reuniões participativas está em construção. Ainda neste primeiro semestre de 2014, será também

lançado o primeiro Orçamento Participativo de Viseu. Será assim colocada outra pedra no arco de uma ponte que unirá o governo do Município aos cidadãos. Com objetivos semelhantes, foram instituídos o Conselho Estratégico de Viseu, o Fórum Viseu Cultura e o Conselho Municipal da Juventude.-----

Senhor Presidente, Caras e Caros concidadãos, vou terminar não sem antes fazer uma referência à importância da comunidade educativa e cultural, que a escolha deste lugar simbolicamente evoca. Acho que é muito relevante estarmos nos quarenta anos do 25 de Abril a fazer a sua comemoração numa Escola. Acho que é extremamente relevante. A educação e a formação para todos são conquistas de Abril. Em Viseu, quero defender o património de uma escolarização de qualidade, criativa e segura. No Município, promovemos o reconhecimento do mérito escolar, fomentamos o acesso à cultura das nossas crianças, estamos a projetar um programa educativo complementar para o desporto e para as artes e temos já definidas intervenções de reabilitação urgentes em estabelecimentos de ensino em estado crítico, como a Escola da Ribeira e a Escola Viriato.- A educação, a cultura e o património são estacas do desenvolvimento, da democracia e da luta contra a desigualdade e a violência.-----

Esta “Porta dos Cavaleiros “que hoje se abre, um belo espaço de Viseu que espero que os cidadãos comecem a descobrir é um património milenar da nossa cidade, que se liga a esta celebração por aquela porta, evoca-nos também hoje o valor da ciência, da nobreza e também do carácter e da missão superior que é defender e servir uma comunidade!-----

Viseu precisa e Abril merece!-----

Viva Viseu, Viva o 25 de Abril.-----

Muito obrigado.-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Muito obrigado Senhor Presidente.

Conforme está definido irei fazer a intervenção.-----

----- **NOVE – O SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:**

Excelentíssimos Senhores Capitães de Abril, Digníssima Mesa, Senhor Presidente da Câmara, Senhores Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Autoridades Cívicas e Militares, Ex-autarcas, Jovens nas pessoas do Luís do Fábio e da Rafaela, Caros Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores. Ao iniciar esta intervenção, as minhas primeiras palavras têm que ser de agradecimento aos Capitães de Abril mas também às mulheres e homens que permitiram com a sua luta e resistência estarmos hoje aqui a comemorar Abril. Obrigado Capitão Arnaldo Costeira, obrigado Capitão Amândio Augusto, obrigado Capitão Aprígio Ramalho, obrigado Capitão Gertrudes da Silva, obrigado Capitão Ferreira Amaral.-----

Liberdade e Democracia, são as palavras mágicas do 25 de Abril. Liberdade de associação, de expressão e de reunião. Sem censura prévia ou censura à posteriori, sem tutelas ou limitação de direitos, sem unicidades políticas, corporativas ou sociais, sem orientação ideológica do ensino, sem polícia política, sem presos políticos e tribunais especiais. A transição para a Democracia após o 25 de Abril não foi fácil.-----

Assistimos a um período de decisões algo precipitadas, de tomadas de posição voluntaristas, de erros e excessos do Período Revolucionário, fruto também de uma euforia libertadora, mas que contribuíram também para a reflexão e para a consolidação do Regime Democrático. Não podemos esquecer que vivemos em dois anos do período revolucionário pós-25 de Abril, um século da História Mundial. Houve muita coisa que poderia ter corrido melhor, mas uma coisa é certa, o saldo global é largamente positivo. Temos um País respeitado no contexto das Nações e integrado de pleno direito na União Europeia. Uma Democracia Representativa e Pluralista, baseada na alternância democrática, na divisão e na interdependência dos poderes. Um País desenvolvido a nível económico, social e cultural. Realço a construção do Serviço Nacional de Saúde, a democratização do ensino e as políticas e respostas sociais implementadas. Um País Moderno, aberto à evolução, à diversidade, à pluralidade de culturas e a Novos Mundos.

Um Poder Local, autónomo e democrático, que melhorou a qualidade de vida e bem-estar das pessoas por todo o País. Instituições Democráticas que funcionam de modo regular e estável. Mas, a construção da Democracia deve ser permanente, continuamente melhorada, respondendo aos novos desafios, que se colocam à sociedade e ao seu dinamismo. Mas, a melhor forma de contribuir para a qualidade da nossa Democracia, é termos consciência dos problemas, dos constrangimentos e dos eventuais bloqueios da Sociedade Portuguesa. Temos consciência que existe um desencanto em relação à política e aos políticos em geral, visível na quebra da participação eleitoral, à desconfiança em relação aos Partidos Políticos, à uma perceção da incapacidade política em dar resposta a alguns problemas com que se debate a sociedade. Os cidadãos estão desiludidos, alheados em relação à vida Pública. Esta indiferença cívica, esta quebra de confiança deve merecer a máxima reflexão, compreensão e a tomada de medidas necessárias para ultrapassar esta situação e melhorar a qualidade da nossa Democracia, com vista a readquirir a confiança das pessoas, principalmente dos mais jovens. Mas, não é compreensível, não é aceitável que ao longo dos anos, haja constantes revelações de casos de correção, negligência grosseira ou gestão danosa e os responsáveis não sejam punidos. A corrupção, todos sabemos, mina a confiança nos Agentes Políticos e nas Instituições Democráticas. Por isso, a corrupção deve ser prevenida, investigada, combatida e punida exemplarmente, mas também tem que ser sancionada pela opinião pública. Não é aceitável que ainda não tenha sido aprovada a legislação para a criminalização do enriquecimento ilícito ou injustificado. Entendemos que é uma obrigação ética e de cidadania a sua aprovação, bem como acabar de vez com a confusão entre as esferas políticas e económicas. A Sociedade precisa de confiar que o seu património é gerido com inteligência e seriedade, e que é dada a primazia a uma cultura de legalidade, de transparência e de prestação de contas. Mas, precisamos também de uma Justiça célere, segura e próxima do cidadão. Os resultados conhecidos no domínio de criminalidade económico-financeira e na corrupção são para todos nós inaceitáveis e incompreensíveis.-----

Caros Concidadãos, mas, se reconhecermos que os Partidos Políticos têm de mudar e a classe política também tem de dar o exemplo adequando-se aos novos tempos, também a sociedade tem de ser mais exigente. Uma Sociedade tem que ser exigente em relação à gestão do seu património, uma sociedade que tem que ter no combate à corrupção um desígnio nacional. Uma Sociedade exigente, que não pactue com práticas políticas de permissividade e de promiscuidade, que não valorize os comunicadores astutos, os políticos do marketing, os políticos das habilidades e os políticos das ilusões. Uma Sociedade que seja mais exigente, que não pactue com maus exemplos e péssimas referências. Uma Sociedade que exija elevados padrões éticos de honestidade e a responsabilização civil e criminal dos que assumem compromissos ruinosos para o interesse público, em proveito próprio ou de terceiros. Uma Sociedade exigente com a classe política que contribua para a credibilização da Política e dos cidadãos que de uma forma nobre e com elevado espírito de missão e de serviço ao Bem Comum, se dedicam ou querem vir a participar no governo da “Coisa Pública”. Mas, o discurso populista, demagógico e generalista contra os políticos também deve ser combatido e desvalorizado. Uma sociedade exigente, interventiva, escrutinadora que condicione no bom sentido a própria agenda política, exigindo uma gestão rigorosa com prioridades e investimentos inquestionáveis. Uma Sociedade exigente dignifica o Estado, prestigia as Instituições e contribui para termos uma comunidade mais próspera, mais solidária e mais justa.-----

Mas, precisamos também de um Jornalismo livre, sério, isento e responsável. Temos consciência que uma opinião pública informada e interveniente é essencial para a Democracia. Na era da Internet e das Redes Sociais, de uma comunicação e interação permanente, precisamos ainda mais de Meios de Comunicação Social de qualidade, com critérios deontológicos, com uma linha de isenção e independência, que não estejam ao serviço de projetos políticos, pessoais ou económicos. A qualidade da nossa Democracia

depende de Meios de Comunicação que garantam o respeito pela pessoa humana e promovam o Bem Comum e exerçam um escrutínio e a crítica dos poderes instituídos. O controle público das figuras públicas deve ser central na vida política em liberdade. Quem usa e abusa de uma agenda mediática, quem contribui para a mediatização da política tem de saber tolerar a independência da informação e não vir protestar, quando não consegue usar e controlar os meios de comunicação social.-----

Minhas Senhoras e Meus Senhores, ao evocar Abril, não podemos esquecer a grave situação social do País e as dificuldades que muitos viseenses estão a passar e por isso, entendemos que o social deverá continuar a ser a prioridade das prioridades das Políticas Públicas. O combate ao desemprego, problema que é central da Sociedade Portuguesa e o apoio social, são uma obrigação do Estado, mas também da Sociedade e neste âmbito Viseu já demonstrou ser uma Sociedade Humanizada, uma Sociedade Solidária e também uma Sociedade Fraterna. O caminho que estamos a percorrer é extremamente difícil e doloroso, devendo a consolidação das Contas Públicas ser realizado com grande sensibilidade e consciência social, preservando sempre a sustentação do Estado Social, que é uma conquista civilizacional, social e decisiva para todos os Portugueses.-----

Nestes 40 anos, muitas Reformas Políticas, Económicas e Sociais ocorreram em Portugal. Das Reformas ainda não concretizadas, mas que são cruciais para o nosso futuro coletivo é nosso entendimento, que a Reforma do Estado é decisiva. Precisamos de um Estado forte para termos uma sociedade forte. Um Estado falido arrasta a Sociedade Civil para a falência. Por isso é necessário uma reforma séria do Aparelho do Estado, com Ministérios menos pesados, um Parlamento mais pequeno, menos Deputados, diminuição de cargos e abolição de entidades inúteis. Devemos todos, discutir o papel do Estado enquanto Estado regulador, moderador, supervisor, e também prestador. Mas, o Estado não se esgota nas funções de soberania. O Estado tem de cuidar do bem-estar da população, (Estado Social) e promover o desenvolvimento. Por isso a questão que se colocou é que Estado queremos e poderemos ter? Certamente, um Estado forte, bem gerido que cumpra com eficiência as suas funções. Um Estado que tenha em linha de conta as especificidades dos Serviços Públicos no interior e a necessária coesão social e territorial. Por outro lado, a Reforma do Estado deve incluir a Reforma da Administração Pública a qual deve feita com os principais agentes de mudança, os funcionários públicos. O Estado para a sua eficiência, necessita de funcionários públicos competentes e motivados. Mas, há outras reformas que devemos todos discutir, entre outras a reforma do sistema político incluindo a reforma do sistema eleitoral e a descentralização administrativa.-----

Minhas Senhoras e Meus Senhores, ao comemorar Abril não podemos esquecer uma das maiores conquistas de Abril e da Revolução dos Cravos - O Poder Local Democrático.-----
Às Mulheres e Homens e hoje estão aqui muitos presentes que nos diversos Órgãos Autárquicos se dedicaram com espírito de missão à causa pública, ao Bem Comum, o nosso reconhecimento, a nossa homenagem, pelo trabalho de referência que fizeram em prol da melhoria das condições da vida das populações. Mas, o 25 de Abril foi acima de tudo um momento de esperança e de confiança no futuro.-----

Ao comemorarmos 40 anos de Abril, 40 anos da Revolução dos Cravos, acreditamos que mais uma vez vamos dar a volta à situação, honrando os nossos compromissos e tornando-nos um País próspero, livre respeitado e com futuro, com uma economia moderna, competitiva e inovadora. Acreditamos numa Sociedade Civil forte, liberal e autónoma em relação ao Estado. Acreditamos na participação ativa dos cidadãos por via direta ou também por via das estruturas da Sociedade Civil que os representam, vai melhorar a qualidade da Democracia e contribuir para o Bem Comum.-----

Como referiu o Dr. Jorge Sampaio e passo a citar “ *É na democracia, no que é e no que representa que se acha a energia coletiva, que dá determinação lucidez e alento para fazer o que é preciso ser feito*” Referia também:-----

- Necessitamos de mais perspetiva e de menos miragem-----



- Necessitamos de mais exigência e de menos facilitismo-----
- Necessitamos de mais rigor e de menos desperdício-----
- Necessitamos de mais vontade e de menos voluntarismo.-----

Não posso deixar de acrescentar a estas sábias palavras uma citação de Miguel Torga: *“Somos nós que fazemos o destino”* por isso acreditamos nos portugueses, temos confiança no nosso futuro coletivo e acreditamos que Portugal volte a ser uma Nação independente respeitada e orgulhosa da sua história secular.-----

Muito obrigado.-----

Viva Portugal-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Ir-se-á seguir como sabem o descerramento da placa evocativa dos Capitães de Abril e por isso convidamos todos a associarmo-nos e em nome do Senhor Presidente da Câmara e em nome do Senhor Comandante do RIV, gostaríamos que nos acompanhassem também no almoço comemorativo do 25 de Abril no Regimento de Infantaria.-----

Muito obrigado a todos.-----

O Senhor Presidente da Mesa deu por encerrada a Sessão e do que nela foi dito lavrou-se a presente Ata, que vai ser assinada por mim, _____ Primeiro Secretário e pelo Presidente da Mesa, nos termos do número três do artigo quinquagésimo oitavo do Regimento em vigor. -----

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

(José Manuel Henriques Mota Faria)